

ASPECTOS DOS QUADROS URBANOS DA BAIXADA DO RIBEIRA, SP

PASQUALE PETRONE

A Baixada do Ribeira, localizada no litoral meridional do Estado de São Paulo, representa um admirável laboratório para pesquisas geográficas. Daí ter o Prof. Dr. PASQUALE PETRONE, sócio efetivo da A.G.B., seu presidente no período de 1960-61 e assistente da cadeira de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, escolhido essa região como tema de sua tese de Doutorado, defendida em maio de 1961. O que se vai ler corresponde a um capítulo desse trabalho.

O caráter disperso da maior parte do povoamento da Baixada do Ribeira, quer nos primórdios da ocupação da área, quer em períodos mais recentes, leva-nos, preliminarmente, à consideração de um problema que teve importância não somente na região, mas em muitas outras partes do país. Trata-se da tendência ou propensão dos moradores a se isolarem, raramente criando condições para a formação de povoados, embriões de cidades. AROLD DE AZEVEDO estudou o problema (1) e o próprio autor destas linhas, embora superficialmente, já teve ocasião de abordá-lo (2). Entretanto, cremos sempre interessante insistir em problemas dessa ordem, particularmente no caso que está nos interessando agora, dado que a Baixada do Ribeira nos oferece, especialmente para o século XVIII, um excelente exemplo do anti-urbanismo do período colonial.

Os núcleos urbanos. — Sabe-se que, por exemplo, para incrementar a população de *Iguape* foram tomadas medidas pela própria administração, provavelmente sem grandes resultados. Em meados do século XVIII, sentindo a precariedade de um povoamento tão esparso, com população pouco numerosa, o então Capitão General D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, Morgado de

(1) AZEVEDO, Aroldo de — *Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, Ensaio de Geografia Urbana Retrospectiva, Universidade de São Paulo, F.F.C.L., Boletim n.º 208, Geografia n.º 11, São Paulo, 1956, págs. 5-6.

(2) PETRONE, Pasquale — *Notas sobre o fenômeno urbano no Brasil*, Separata do volume XII dos "Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros", São Paulo, 1961, págs. 151-152.



Foto n.º 1 — Baíra do Azeite, que a fotografia apresenta em quase tóda a sua extensão, é um modesto núcleo localizado, como indica seu nome, junto à confluência do Azeite no rio Jacupiranguinha. Surgido como tantos outros núcleos de beira-rio, em função da presença da venda e das relações com as áreas imediatamente contíguas, recentemente foi escolhido para a localização do acampamento de uma das firmas responsáveis pela construção da BR2. Possivelmente desfrutará de sua posição em relação à referida rodovia, dado que, a partir de Jacupiranga, em direção ao Paraná, são pouquíssimos os núcleos atravessados ou marginados por ela. (Foto do autor).

Foto n.º 2 — A cidade de Jacupiranga representa bem o caso relativamente comum, na Baixada do Ribeira, de aproveitamento de terraços fluviais para "sítios" urbanos. A fotografia permite que se perceba nitidamente o talude do terraço que constitui o assoalho urbano; no primeiro plano a várzea do rio Jacupiranga. (Foto do autor).



Matheus, incentivou a criação, na orla litorânea da Baixada, de dois novos núcleos, de conformidade aliás, com uma política que aplicara em outras partes da Capitania (3). Uma dessas vilas devia ser criada junto ao mar Pequeno, a meio caminho entre Iguape e Cananéia, junto à área em que hoje se encontra o pequenino ancoradouro de Subaúma. Providenciada a fundação em 1766, no ano seguinte o diretor do núcleo afirmava que os moradores “não podiam existir naqueles sítios cheios de matos e de bichos” (4). Só alguns anos depois, com gente de Cananéia e de Iguape, foi criada a vila de *Nossa Senhora da Marinha* que, em 1779, deslocou-se para a ilha Comprida com o nome de *Vila Nova da Lage* (5). Entretanto, também ali a duração da vila foi efêmera, pois seus habitantes dispersaram-se ou então, pouco a pouco, voltaram a se instalar novamente em Sabaúma. Hoje, da antiga vila só resta um modesto cemitério e um topônimo na ilha Comprida, enquanto que Sabaúma é um minúsculo povoado sem maior expressão.

A outra vila, criada por volta de 1767 (6), foi *Ararapira*, no extremo sul do litoral paulista. Criada com gente de Cananéia, “por causa da pobreza (dos habitantes) e nenhuma conveniência de lugar, e por isso incapazes de sustentar pároco” (7), não durou muito. Abandonada pela maioria de seus habitantes, teve vida precária de modestíssima povoação de pescadores, só em 1907 sendo elevada a sede de distrito de paz. Em 1920, quando as terras em que se situa passaram para o Estado do Paraná, em virtude de solução dada ao problema de limites entre êsse Estado e o de São Paulo, a maioria dos habitantes deslocou-se para a vila de *Ariri*, que então foi criada pelo governo paulista em território do Estado (8).

Creemos que, em linhas gerais, não é difícil explicar o insucesso das duas iniciativas na região, assim como a pobreza geral em embriões de cidades, enfim, o anti-urbanismo na Baixada durante o período colonial. Em primeiro lugar, julgamos que o número pequeno de habitantes foi um dos fatores determinantes, em áreas

(3) Ver PÉTRONE, Pasquale — *A Região de São Luís do Paraitinga*, Estudo de Geografia Humana, in “Revista Brasileira de Geografia”, Ano XXI, n.º 3, Rio de Janeiro, julho-setembro de 1959.

(4) BRUNO, Ernani da Silva — *A Marinha do Sul e o vale do Ribeira*, in “Folha da Manhã”, São Paulo, 30 de junho de 1957.

(5) ALMEIDA, A. Paulino de — *A Ilha Comprida*, in “Revista do Arquivo Municipal”, Ano XVII, Vol. CXXXVII, São Paulo, outubro, novembro e dezembro de 1950, pág. 62 e BRUNO, Ernani da Silva — Trabalho citado, 30 de junho de 1957.

(6) ALMEIDA, A. Paulino de — *Memórias Memoráveis*, in “Revista do Arquivo Municipal”, Ano XV, Vol. CXX, São Paulo, outubro a dezembro de 1948, pág. 16 e BRUNO, Ernani da Silva — Trabalho citado, 30 de junho de 1957.

(7) ALMEIDA, A. Paulino de — *Memórias Memoráveis*, pág. 16.

(8) Vide ALMEIDA, Antônio Paulino de — *Ariry*, histórico de sua fundação, São Paulo, 1929.

relativamente extensas. Em segundo lugar, acreditamos que mesmo o nucleamento da população em aldeias, cujos habitantes se dedicassem a atividades agrícolas nos arredores, não teria sido possível dados os sistemas adotados para a utilização do solo. A agricultura itinerante não poderia justificar a presença de aldeias, dado o deslocamento dos moradores e, principalmente, as vastas áreas objeto do primitivo sistema. Por outro lado, não existiam funções que pudessem justificar a concentração de habitantes em outras atividades que não a agrícola. A função administrativa, com a comercial, explicavam Cananéia e Iguape, enquanto que só a capela, pois que na época nem a venda, nem a escola tiveram importância, poderia se tornar ponto de referência dentro de uma área povoada, poucas vezes, entretanto, com capacidade de arremeter moradores em número apreciável ao seu redor. A criação de um embrião de cidade tinha de ser o resultado de condições sociais, econômicas, religiosas e político-administrativas, expressando uma certa convergência, quando não comunhão de interesses, por parte de seus eventuais habitantes. Para isso a região do Ribeira não se encontrava amadurecida.

Caráter modesto dos quadros urbanos. — Dado que só em tempos relativamente recentes foram se definindo melhor, no conjunto da Baixada, condições de criação e desenvolvimento de funções urbanas, compreende-se que, mesmo nos dias atuais, os quadros urbanos apresentem-se relativamente pobres.

De conformidade com o Censo de 1950 (9), as sedes dos atuais municípios (10) possuíam os seguintes efetivos populacionais:

<i>Sede Municipal</i>	<i>Urbana</i>	<i>População Suburbana</i>	<i>Total</i>
Cananéia	687	350	1 037
Eldorado	596	572	1 168
Iguape	3 279	501	3 780
Jacupiranga	987	404	1 391
Pariquera-Açu	279	337	616
Juquiá	781	111	892
Registro	1 443	630	2 073
Sete Barras	311	317	628

(9) *VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950, Vol. XXV, Tomo I, pág. 168 e 198-199.* Preferimos neste, como em outros casos, utilizar dados do Censo a aproveitar cifras resultantes de estimativas nem sempre dignas de fé.

(10) Depois de 1950 foram criados os municípios de Pariquera-Açu, desmembrado do de Jacupiranga, e Sete Barras, desmembrado do de Registro. As respectivas populações correspondem às vilas, como oficialmente eram consideradas em 1950.

Por várias razões os aglomerados acima relacionados não merecem, sempre, o qualificativo de centros urbanos. Todos os oito possuem oficialmente foros de cidade, dado que são todos sedes municipais. Entretanto, quer pelo número de habitantes, quer pelas funções, quer pelos seus aspectos fisionômicos, na verdade constituem, na maioria dos casos, aglomerados semi-urbanos.

O caráter semi-urbano, ou semi-rural, como se queira, na falta de terminologia mais apropriada, que marca, com diferente intensidade, uma parte dos aglomerados considerados, não impede que se os considere como núcleos de cristalização urbana, interessando uma verdadeira rêde urbana da Baixada. Isso porque, de qualquer forma, em área com uma organização do espaço econômico como a que se está estudando, tais aglomerados exercem, de fato, guardadas as proporções, o papel exercido por verdadeiros centros urbanos em outras partes, caracterizadas por maior desenvolvimento econômico.

Como é natural, os embriões dos referidos aglomerados surgiram e se desenvolveram à medida que na região se foram definindo necessidades a serem satisfeitas por eles, fundamentalmente econômicas, secundariamente de outra natureza. Portanto, eles surgiram paralelamente ao processo de povoamento e de organização do espaço econômico, assim como a organização da circulação e, principalmente, paralelamente ao desenvolvimento de uma vida de relações justificada em decorrência dos fatos anteriores.

As origens. — Dois dos aglomerados citados, *Iguape e Cananéia*, constituem frutos dos primórdios da presença européia na região. Daí duas características fundamentais que os distinguem dos demais: são os mais antigos, pois que datam do primeiro século de colonização, e estão inteiramente ligados ao mar, formados que foram em tórno de ancoradouros nas duas extremidades do mar Pequeno, áreas que inevitavelmente acabariam por justificar a criação dos primeiros nódulos de povoamento na porção litorânea propriamente dita (11). Essas duas cidades surgiram, portanto, com funções portuárias, "cabeças-de-ponte" para servir ao processo de penetração para o interior.

Assim como Iguape e Cananéia tiveram suas origens ligadas à marinha, os núcleos de Jacupiranga, Juquiá, Registro, Xiririca

(11) Cananéia já era vila em 1600, enquanto que Iguape adquiriu tal condição em 1665. Sobre as origens de Iguape e Cananéia leia-se: MOREIRA, Albertino de — *Iguape e outras cidades mortas...*, in "Revista do Arquivo Municipal", Ano IX, Vol. CXIII, São Paulo, outubro-novembro-dezembro de 1948, págs. 61 a 73; MARQUES, M. E. de Azevedo — *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1952, Tomo I, págs. 161 e 321; MULLER, D. P. — *Ensaio d'um quadro estatístico da Província de São Paulo*, Reedição literal, São Paulo, 1923, pág. 80; ALMEIDA, Antônio Paulino de — *A Ilha Comprida*, AZEVEDO, Aroldo de — Obra citada, págs. 12 a 14 e 29.

(atual Eldorado Paulista) e Sete Barras são genéticamente relacionados com o aproveitamento das vias fluviais. Todos êles surgiram às margens de um dos rios que, no passado, tiveram relevante papel no processo de penetração para o interior.

Os embriões de *Eldorado* e *Registro*, ambos na margem direita do Ribeira, são os mais antigos de todos os núcleos citados, ambos datando de meados do século XVIII. Entretanto, enquanto Eldorado teve desenvolvimento relativamente rápido, pois que em 1842 já era vila, Registro permaneceu como nódulo sem expressão até o século atual, tornando-se sede distrital somente em 1934 (12).

Jacupiranga, a antiga Botujurú, e *Juquiá*, ex-Santo Antônio do Juquiá, que conservam os nomes dos rios em cujas margens se encontram, datam da primeira metade do século passado. Em Juquiá a primeira capela foi erguida em 1829, enquanto que a de Jacupiranga data de 1864. Juquiá tornou-se freguesia em 1853 e Jacupiranga no ano de 1870 (13).

Na segunda metade do século passado definiu-se o embrião de *Sete Barras* cujo desenvolvimento, entretanto, é muito recente, como de resto o de Registro, a cujo município pertenceu até recentemente.

O núcleo de *Pariquera-Açu*, contrariamente aos precedentes, não teve sua origem prês a utilização de rios, embora tenha surgido junto ao curso homônino, navegado, durante alguns decênios, por canoas. Surgindo em fins do século passado, só se definiu em função da criação de um sistema rodoviário servindo à Baixada (14).

Aspectos da evolução. — Do ponto de vista funcional, o desenvolvimento de Iguape e de Cananéia esteve ligado ao seu caráter de povoados-portos que se tornariam, como já se teve oportunidade de lembrar, as duas portas de entrada para o interior.

Eldorado, que teve sua origem relacionada com a expansão do povoamento em função da exploração de jazimentos auríferos, parece ter surgido em local anteriormente ocupado por um aldeamento indígena (15). Em local presumivelmente também sede de antigo aldeamento indígena, teria surgido Jacupiranga (16). Esta, entre-

(12) Sobre a origem e desenvolvimento de Eldorado e Registro leia-se: MARQUES, M. E. de Azevedo — Obra citada, Tomo II, pág. 314; ALMEIDA, A. Paulino de — *Ereção da Capela de N. S. da Guia de Xiririca*, in "Revista do Arquivo Municipal", Ano XIV, Vol. CXVI, São Paulo, outubro-novembro-dezembro 1947, págs. 49 a 54; *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Vol. XXVIII, pág. 301 e Vol. XXX, pág. 20.

(13) *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Vol. XXIX, pág. 23 e Vol. XXX, pág. 54; MULLER, D. P. — Obra citada, pág. 81; ALMEIDA, A. Paulino de — *Memória histórica de Jacupiranga*, in "Revista do Arquivo Municipal", Ano XVI, Vol. CXXVII, São Paulo, setembro 1949, págs. 25 a 30.

(14) Leia-se ALMEIDA, A. Paulino de — *Memória Histórica de Pariquera-Açu*, São Paulo, 1939.

(15) MARQUES, M. E. de Azevedo — Obra citada, Tomo II, pág. 314 e ALMEIDA, A. Paulino de — *Ereção da Capela de N. S. da Guia de Xiririca*, pág. 49.

(16) ALMEIDA, Antônio Paulino de — *Memória Histórica de Jacupiranga*.



Foro n.º 3 — Entre os aglomerados da Baixada do Ribeira, geralmente pequenos, Pariquera-Açu inclui-se entre os mais modestos. Entretanto, soma importantes funções especificamente urbanas àquelas rurais, comuns a todos êles, caracterizando-se por possuir aspecto menos desordenado. Sua principal rua, vista acima, é toda pavimentada. (Foto do autor).

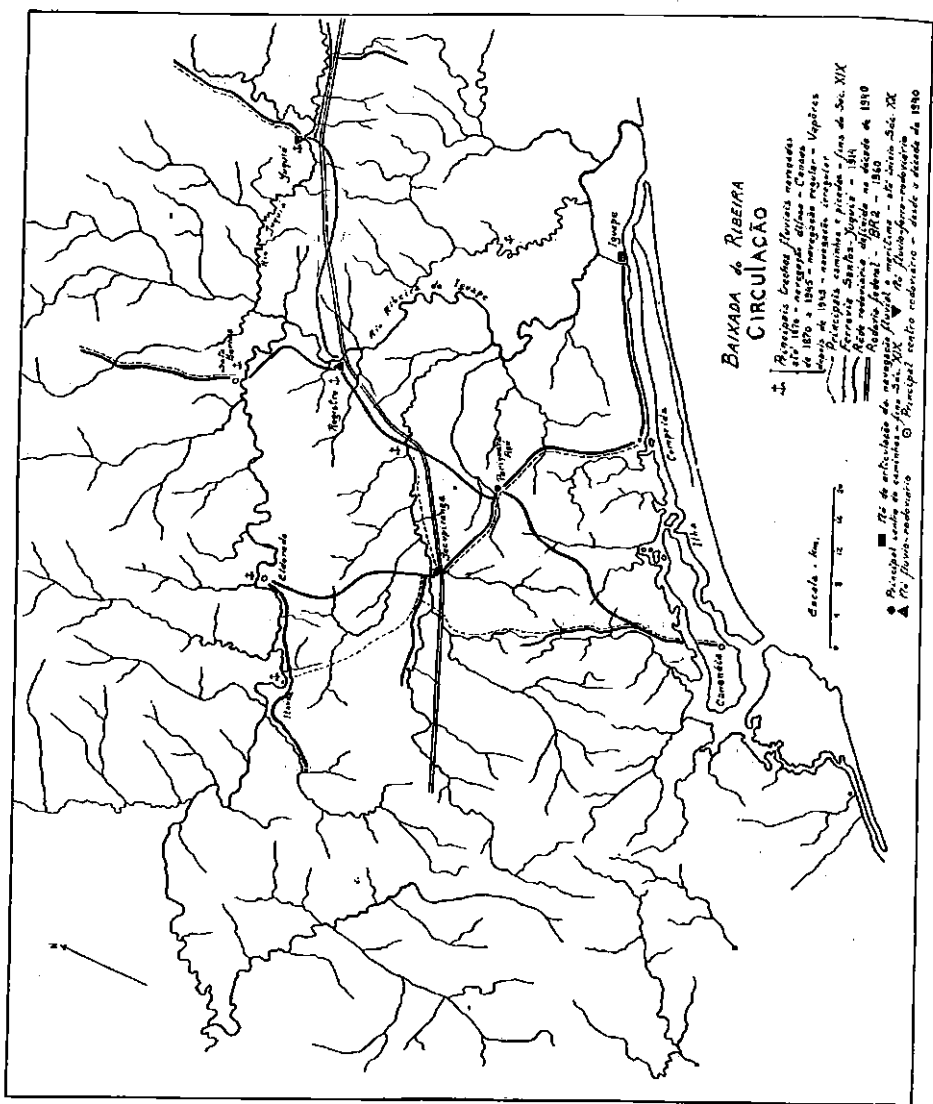
tanto, definiu-se em função do povoamento do vale homônimo por posseiros. A primeira, por outro lado, surgiu como típico patrimônio.

Registro, como o nome está a indicar, inicialmente foi posto de controle para cobrança dos Quintos reais, tendo em vista a importância da área que lhe está a montante, para a produção do ouro no decorrer do século XVIII; só pôde desenvolver-se quando se tornou centro da mais florescente colônia japonesa da Baixada. Juquiá cresceu em torno de uma capela, enquanto Sete Barras inicialmente foi um bairro rural e Pariquera-Açu sede da colônia oficial do mesmo nome.

Portos da marinha ou de beira-rio, patrimônios e capelas, bairros rurais e sedes coloniais não foram somente os citados, mas somente êles tiveram desenvolvimento que levou à criação de quadros urbanos (17). As razões, em síntese não são difíceis de lembrar; elas nos levam, por outro lado, praticamente a compreender o papel de cada um dos aglomerados no conjunto regional.

Cananéia e Iguape avantajaram-se, desde seus primeiros tempos, dos favoráveis abrigos naturais nas duas extremidades do mar

(17) Subaúma e Ararapira (Ariry) são antigos núcleos da marinha, da mesma forma que Barra de Batatal é antigo porto fluvial; Jiporua foi sede colonial, enquanto Barra do Braço foi patrimônio.



Pequeno, respectivamente junto às barras de Cananéia e Icaparra. Iguape, especialmente, cresceu em função de sua favorável posição, dado que podendo articular-se com todo o interior da Baixada por intermédio do Ribeira e seus afluentes, desde logo pôde desenvol-

ver-se mais que Cananéia. Foi, indiscutivelmente, a primeira “capital” de toda a Baixada. Dependendo, como Cananéia em menor escala, da condição de elemento de ligação entre a Baixada e o exterior ou outras partes do país, teve desenvolvimento apreciável enquanto tal condição permaneceu. No momento em que o sistema de circulação de que era “cabeça” deixou de ter importância — primeiramente obstrução da barra de Icaparra e, mais recentemente declínio da navegação fluvial — a cidade conheceu um período de estagnação e até mesmo decadência, que perdura até nossos dias. De qualquer forma, ainda é o maior nódulo demográfico de toda a Baixada, mais em função do que foi no passado que de suas possibilidades no presente. Cananéia sofreu vicissitudes semelhantes, porém ligadas com uma vida de relações em âmbito mais restrito — Recôncavo de Cananéia — se excetuarmos o papel que o núcleo teve nas primeiras entradas para o interior.

Eldorado manteve-se, durante praticamente um século, meados de século XVIII a meados do século XIX, como o único aglomerado do interior, favorecido pela sua localização junto a um ponto do Ribeira até onde a navegação era franca e, além disso, usufruindo de uma posição favorável relativamente às comunicações entre a marinha e a área aurífera do alto Ribeira. Da mesma forma que os dois centros da marinha, conheceu uma sensível ruptura em seu ritmo de desenvolvimento; sua decadência, expressa fisicamente nas ruínas de habitações, encontradas especialmente junto ao rio, adquiriu nitidez com a interrupção da navegação fluvial e conseqüente abandono do seu pôrto.

Registro praticamente teve seu desenvolvimento, pelo menos no início, relacionado com a colonização japonesa. No início do século atual, conforme o testemunho de Krug (18), “nada mais era que um mísero conjunto de três a quatro casas de pau-a-pique”. No início da década de 1930, quando já se haviam sentido os efeitos da colonização japonesa, havia se tornado “uma localidade cheia de prédios, com bom pôrto fluvial, bons hotéis, casas sólidas de alvenaria” (19), etc. Entretanto, o fator determinante do desenvolvimento de Registro, como dos demais núcleos da Baixada, foi a circulação. O aglomerado tornou-se, na década de 1940, um nó de comunicações, pois que nêle se uniam as estradas que desciam de São Miguel Arcanjo e de Piedade as quais, além de continuarem em direção a Pariqueira-Açu e Jacupiranga, articulavam-se com a circulação fluvial.

Graças a essa posição Registro é atualmente um dos principais centros da Baixada. A construção do BR2, implicando na

(18) KRUG, Edmundo — *A Ribeira de Iguape*, separata do “Boletim de Agricultura”, Série 39.ª, 1938, São Paulo, 1939, pág. 42.

(19) Idem.



Foto n.º 4 — Centro de uma das mais desenvolvidas áreas da Baixada, e usufruindo de uma interessante posição em face da circulação regional, Registro possui, entre outras funções, a de entreposto e centro de beneficiamento de produtos agrícolas e de pesca. Tais fatos conferem-lhe uma fisionomia que a distingue dos demais núcleos da região. A rua fotografada, com seus armazéns, é bem expressiva. (Foto do autor).



Foto n.º 5 — A fotografia foi obtida em um ponto próximo à antiga balsa, na cidade de Registro. Trata-se de um pormenor do talude do terraço em que se encontra uma grande parte do assolho urbano. A casa pode fornecer uma idéia das proporções da barranca. (Foto do autor).

presença de uma ponte junto à cidade, em substituição à antiga balsa, segundo parece não irá interromper seu ritmo de crescimento.

O caso de Juquiá difere radicalmente de todos os demais. Embora cidade-ribeirinha como a maioria — servindo-se da navegação fluvial — verdade que em proporções mais reduzidas que Registro ou Eldorado, Juquiá teve seu desenvolvimento prêso a dois fatores: a rodovia e a ferrovia. Com Sete Barras, foi uma das portas de entrada para a Baixada, para quem vinha do planalto, graças ao antigo caminho por Piedade. No primeiro quartel deste século ganhou originalidade entre os centros da região por ter se tornado ponta de trilhos, sendo o único dos aglomerados da Baixada a ser servido por ferrovia. Seu papel de porta de entrada adquiriu maior relêvo e, por seu intermédio a Baixada passou a ligar-se com o pórtio santista por terra. O próprio caráter do aglomerado, praticamente constituído por dois núcleos, o primeiro no sítio da antiga povoação, “encarapitada num morrôte, à margem direita do rio, olhando enciumado” para o segundo, “a parte nova que se vai desenvolvendo, espremida entre os trilhos da Sorocabana e a beira d’água, no outro lado do curso fluvial” (20).

Enquanto Sete Barras surgiu com bairro em tórno do modesto pórtio fluvial, desenvolvendo-se em função da colonização japonesa, recentemente tornando-se sede municipal, Jacupiranga teve tóda a sua existência possibilitada pelas relações que manteve, como centro local, com as áreas rurais circunjacentes.

A antiga sede do núcleo colonial, Pariquera-Açu, deixou de ser apenas um modesto núcleo praticamente rural, adquirindo aspectos urbanos especialmente a partir da década de 1940. É que nessa ocasião, com a organização de um sistema rodoviário para a Baixada, Pariquera-Açu tornou-se o principal nó das comunicações regionais, tanto que mereceu, inclusive, sediar o Escritório Regional do D.E.R. Com a abertura da BR2, que passa cêrca de 12 km. ao largo da cidade, parece que tal condição de nó rodoviário irá se ressentir bastante.

Os sítios. — O fato dos aglomerados da Baixada terem surgido junto ao litoral ou a beira-rio, influiu decisivamente nos tipos de “sítios” utilizados, enquanto que o desenvolvimento de cada um, sempre relacionado com o mar ou com os rios, mais recentemente as rodovias, por sua vez exerceu indiscutível influência nos aspectos funcionais mais significativos.

O traço marcante dos “sítios” urbanos da Baixada do Ribeira é a sua uniformidade. Em todos os casos trata-se de “sítios”

(20) SCHMIDT, Carlos Borges — *Paisagens Rurais*, Separata do “Boletim de Agricultura”, n.º único, 1942, São Paulo, 1944, pág. 24.

condicionados pela presença de terraços, fluviais para os casos dos centros interioranos, marinhos para Cananéia e Iguape. Nestes dois últimos casos as cidades organizaram-se sobre superfícies de depósitos de antigas zonas lagunares, atualmente alçados e consolidados, ou então sobre terraços arenosos também consolidados. Tais terraços, ou simplesmente depósitos marinhos alçados e consolidados, encontram-se a 5-6 m. de altitude. Nos dois casos os núcleos urbanos abrigaram-se à sombra de morros, antigas ilhas que, constituindo-se em pontos de amarração para os depósitos marinhos, foram anexadas ao continente. Trata-se do morro de São João em Cananéia e do morro dos Engenhos em Iguape. Nos dois casos a presença da vizinhança dos morros teve um certo significado no relativo à obtenção de água potável, elemento importantíssimo em uma área onde o problema da água não era fácil de resolver.

No caso das cidades da retro-terra os "sítios" normalmente caracterizam-se pela presença geralmente de dois a três níveis de terraços, o terceiro e mais elevado não possuindo verdadeiramente expressão semelhante aos outros dois. Os terraços escalonam-se em torno de 6 a 7 m., 30 e 55 m. sobre o nível dos rios. O primeiro na verdade não passa de uma várzea relativamente abrigada das inundações, contígua à parte correspondente ao leito maior dos rios. O segundo constitui o elemento em que se assenta a maior parte do espaço urbano de algumas das cidades da Baixada.

As cidades da marinha, em razão das condições que caracterizam seus "sítios", são marcadas pela horizontalidade de seus traços; um casario que normalmente é térreo, baixo, alinhando-se de modo relativamente contínuo ao logo das vias públicas, acentua a platitude já decorrente do tipo de assoalho urbano. Tal fato apresenta-se mais nitidamente em Iguape, onde só as torres de suas igrejas sobressaem do conjunto. Já as cidades da retro-terra, graças ao aproveitamento de "sítios" que justificam uma assoalho escalonado em degraus diferentes, apresentam-se com fiisnomias mais diversificadas. Registro, por exemplo, ocupa dois níveis de terraços bastante dissecados, um de 7 e um de 30 m., junto à parte côncava de um meandro do Ribeira, tendo em frente de si, na outra margem, a várzea de rio. Dois, também, são os terraços em que se assenta Jacupiranga, sempre na parte côncava de um meandro, desta vez do rio Jacupiranga. Neste caso o assoalho urbano vê-se definido pelo meandro e pela presença do rio Canha que secciona os níveis de terraços. Ainda dois são os terraços em Pariquera-Açu, o mais elevado (30 m.) sendo ocupado pelo Hospital Regional, enquanto que em Eldorado, conforme já chamou a atenção Silveira (21), eles são três, o mais elevado (55 m.) sendo utilizado pelo cemitério.

(21) SILVEIRA, João Dias da — Obra citada, pág. 132.

Se nos lembrarmos que ao lado dos terraços a várzea frequentemente também contribui, dado o crescimento espacial recente dos aglomerados, para formar parte do assoalho urbano, então não será difícil compreender porque algumas das cidades da Baixada são dominadas, nas suas partes centrais, por trechos em acrópole. Embora mais nítido em Juquiá, tal fato transparece, mais atenuado, em Registro, Eldorado, Sete Barras.

A uniformidade dos tipos de "sítios" urbanos encontrados na região pode ser compreendida em função do quanto se conhece sobre o quadro natural, éste apresentando-se, no conjunto, com condições ingratas para a presença de centros urbanos. De um lado são os espaços planos e relativamente amplos das várzeas, porém sujeitos às inundações; de outro lado as baixadas junto à costa, com manguezais ou então com áreas arenosas, enxutas, mas nem sempre suficientemente extensas e, quando o são, apresentando problemas de difícil solução, quer quanto à água, quer quanto às próprias condições de posição. De resto, extensas áreas são dominadas por serras ou morros, tão impróprios quanto os casos precedentes. Acresce que em virtude mesmo das condições em que se verificou o processo de povoamento, e da importância dos cursos d'água, os embriões de cidades que foram surgindo ao sabor do referido processo deveriam, forçosamente, instalarem-se em áreas ribeirinhas. Daí o papel seletivo das áreas de terraços para escolha de "sítios" adequados.

Que tal papel seletivo tenha existido, não há dúvida. Comprova-o o fato de que, entre as cidades da Baixada, pelo menos três ocupam, atualmente, "sítios" que não são aqueles inicialmente escolhidos. É o caso de Iguape, que inicialmente se teria localizado em um ponto contíguo ao atual povoado de Icaparra (22), mais próximo da barra do mesmo nome do que se encontra hoje. Em seguida transferiu-se para local mais apropriado, embora mais distante da referida barra. Também é o caso do Cananéia que, antes de ser instalado onde se encontra, havia surgido na Ilha Comprida (23). É, ainda, o expressivo caso do Eldorado, cuja mudança para o "sítio" atual foi decorrência das cheias catastróficas que caracterizavam o "sítio" primitivo, em zona de várzea frente à barra do ribeirão Xiririca (24).

As funções. — O papel da circulação no surgimento e desenvolvimento dos centros urbanos da Baixada fêz-se sentir mais nitidamente, como é natural, na caracterização funcional dos referidos

(22) MOREIRA, Albertino — Obra citada, pág. 61.

(23) ALMEIDA, A. Paulino de — *A Ilha Comprida*, pág. 59.

(24) ALMEIDA, A. Paulino de — *Erecção da Capela de N. S. da Guia de Xiririca*, págs. 51 a 54.



Fotos n.º 6 e 7 — Conforme a observação de Carlos Borges Schmidt, "a antiga povoação de Juquiá continua encarpitada num morrote, à margem direita do rio, olhando enciumada..."



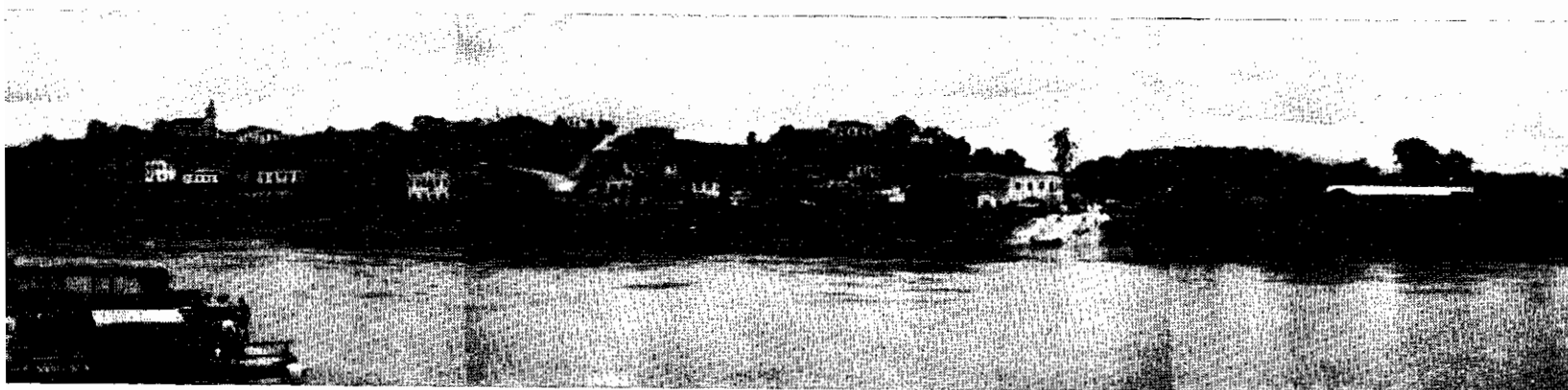
... a parte nova que se vai desenvolvendo, espremida entre os trilhos da Sorocabana e a beira d'água, no outro lado do curso fluvial". (Fotos do autor).

centros. Daí a importância, atualmente como no passado, da função comercial para todos êles. De modo geral, todos se constituem em centros de convergência e de redistribuição da produção agrícola das áreas que lhes são contíguas, da mesma forma como é nêles que a população dessas áreas se abastece em artigos que não pode produzir. As casas varejistas, numerosas em Iguape, Registro e Eldorado, em cada uma das quais superam meia centena, menos numerosas nos demais centros, refletem êsses aspectos mais limitados da função comercial. Alguns centros, entretanto, e é o caso do Iguape, Registro e Juquiá, caracterizam-se pela presença de funções comerciais de maior fôlego, pois que nêles o processo de convergência ou distribuição de produtos interessa área extensa da Baixada, quando não toda a região. Essa situação transparece no número relativamente elevado das casas atacadistas existentes nesses centros, especialmente em Registro e Juquiá (cêrca de uma dezena em cada). O destaque das últimas duas cidades é decorrência especialmente da presença da ferrovia (Juquiá), mas também do papel da rodovia, permitindo que o principal da produção agrícola de caráter comercial (chá, banana e secundariamente outras) convirja para êles, ao mesmo tempo que devem satisfazer as necessidades de uma área com a população de mais elevado poder aquisitivo da Baixada.

A presença, ou não, de cooperativas ou casas de crédito, contribui para mais acentuar a posição relativa de cada centro urbano. Registro é praticamente o único centro onde o cooperativismo tem expressão, da mesma forma como é, também, o único com função financeira relativamente importante, já que dispõe de dois bancos, uma agência da Caixa Econômica Estadual e uma agência do Banco do Brasil. Nos demais centros encontramos somente agências da Caixa Econômica Estadual, nem mesmo esta existindo em Cananéia.

A função industrial, de um modo geral modesta em todos os centros da Baixada, de um lado reflete, ainda uma vez, o papel da circulação e da função comercial, enquanto que, de outro lado, chama a atenção para uma das mais significativas características da vida urbana regional, ou seja, a estreita relação com os quadros econômicos rurais.

Que a função industrial é também fruto da circulação e portanto da função urbana de entreposto, em última análise da posição geográfica das cidades, é fácil de compreender. Os centros com posição mais favorável em face da rede viária são aquêles para onde converge a produção agrícola, extrativa ou pesqueira regional sujeitas a processos de beneficiamento na própria Baixada. Êsse mesmo fato correlaciona a atividade industrial com a vida rural. É quanto se pode perceber com a presença das usinas de beneficiamento de



Foro n.º 8 — A balsa que se destaca no primeiro plano permite a travessia do rio Ribeira na altura de Sete Barras. Esta, praticamente disposta em dois planos, conforme é possível perceber pela fotografia, surgiu em função de um bairro rural e cresceu graças à sua posição na estrada — antigo picadão — entre a Baixada e São Miguel Arcanjo. (Foto do autor).

chá ou dos estabelecimentos de conserva de manjuba em Registro, da fábrica de farinha de ostras ou da de conservas alimentícias (palmito) em Cananéia, dos estabelecimentos de conservas de Jupiá e de Registro, ou ainda das máquinas de beneficiar arroz de Registro e Pariquera-Açu. Na maioria dos casos os centros urbanos na verdade caracterizam-se pela presença de uma verdadeira agro-indústria, atividade que, para certos casos, poderia estar distribuída, como às vezes acontece, no próprio meio rural.

As demais funções são menos importantes mas não sempre descuráveis. A político-administrativa, por exemplo, em certos casos justificou a elevação oficial de certos núcleos à categoria de cidade, em virtude das necessidades de criar quadros municipais mais satisfatórios. É quanto tivemos com Sete Barras recentemente, e com Pariquera-Açu há seis anos. Pariquera-Açu sobressai dos demais aglomerados pelo fato de ter abrigado atividades que repercutem em toda a Baixada. Tais são, por exemplo, as decorrentes da presença do Hospital Regional e do Escritório Regional do D.E.R. Já no caso de Registro é a presença de uma importante função escolar que chama a atenção (ginásio, colégio e escola normal) enquanto que Iguape acrescenta às demais uma importante função religiosa, centro que é de romarias que, no mês de agosto, atraemromeiros dos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

A estrutura urbana. — As condições decorrentes dos tipos de "sítios" dominantes, aliadas à gênese dos núcleos urbanos, sempre relacionadas com a presença de um porto, marítimo ou fluvial, contribuem para explicar, na maioria dos casos, a estrutura urbana. Geralmente o espaço urbano organizou-se em função de dois eixos principais: o primeiro, mais importante, paralelo ao rio ou à linha de costa; o segundo, perpendicular ao primeiro. Em função dos referidos eixos predominaram os planos em tabuleiro de xadrez, mesmo quando, como em Registro, verifica-se um certo caoticismo no traçado das ruas. Tais fatos, aliados aos já lembrados, acentuam a relativa uniformidade característica dos aspectos que identificam os centros da Baixada.

De modo geral são todos acanhados, pouco "urbanos" nos seus aspectos paisagísticos, desprovidos da maioria dos mais elementares serviços de utilidade pública. Semi-rurais, conforme já foi dito, refletem, na sua modéstia, as condições econômicas dos quadros rurais a que se encontram intimamente associados. Da mesma forma que os referidos quadros rurais, entretanto, percebe-se nêles que começam a sentir as repercussões decorrentes das transformações em processo em toda a Baixada.